

Ministério de Minas e Energia
Assessoria de Comunicação Social – ASCOM

Destaque: (em negrito) Matérias que citam o Ministro Bento Albuquerque ou o MME:

Sumário

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo	2
Título: O 'pré-sal caipira' a energia que vem dos porcos	2
Título: Cidade tem projeto coletivo de biogás	3
Título: Potencial do biogás equivale ao dobro do gás que vem da Bolívia	4
Título: » Aço mais caro	5
Título: Lava Jato chega à Itália e empresários viram réus por propina à Petrobrás	6
VEÍCULO: O Globo	8
Título: Região Nordeste avança no social com as contas em dia	8
Título: Em busca de indenização	11
VEÍCULO: Correio Braziliense	12
Título: Alternativas ao diesel e à gasolina avançam	12

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo**Data:** 23/02/2020**Seção:** Economia**Autor:** Anne Warth / TEXTOS**Título:** O 'pré-sal caipira' a energia que vem dos porcos

Sustentabilidade - Especial

O que poderia levar um empresário há 40 anos no ramo da indústria a começar a criar porcos? “Só o que me interessa é a merda deles”, responde, rindo, Romário Schaefer, dono da cerâmica Stein, no Paraná. Os dejetos dos suínos de sua propriedade no município de Entre Rios do Oeste (PR), a 133 quilômetros de Foz do Iguaçu, são matéria-prima para a produção de biogás. O combustível abastece um gerador que reduziu a conta de luz da empresa pela metade. Antes um problema ambiental, os resíduos da produção agropecuária passaram a ser fonte de renda para produtores do oeste do Paraná e, entre os mais entusiasmados, já é chamado de “pré-sal caipira”. Para gerar o combustível é preciso instalar um biodigestor, estrutura que permite o tratamento do esterco.

Com um investimento inicial relativamente elevado, de R\$ 75 mil a R\$ 100 mil, o negócio se tornou viável por meio do enquadramento como geração distribuída (GD), na qual o consumidor passa a gerar sua própria energia. A modalidade, que conta com subsídios pagos por todos os brasileiros na conta de luz, é mais conhecida pelos painéis solares, mas vai muito além e inclui a energia gerada por eólicas, bagaço de cana-de-açúcar, aterros sanitários e, também, pelo esterco de animais. Quem viaja pelo oeste do Paraná normalmente se limita a visitar as famosas Cataratas do Iguaçu. Aqueles que ficam mais dias podem passar também pelo Paraguai, para compras, e pela usina de Itaipu, segunda maior hidrelétrica do mundo.

Mas, no caminho desses destinos, o turista logo vai perceber que o que movimenta a região mesmo é o agronegócio. Dejetos. O Paraná é o maior produtor de suínos do País. Em aves, perde apenas para Santa Catarina. E foi há 12 anos, ao longo das vistorias no reservatório de Itaipu, de 1.350 quilômetros quadrados, que técnicos perceberam o acúmulo de proteína animal, proveniente dos dejetos da produção agropecuária da região. Somente o oeste do Estado concentra 4,2 milhões de suínos, 105 milhões de aves e 1,3 milhão de bovinos. Para se ter uma ideia, a estimativa é que, por ano, eles gerem resíduos equivalentes à água que desce nas Cataratas do Iguaçu por cinco minutos. Estender a vida útil da usina de Itaipu ao máximo – hoje estimada em 182 anos – passa por ações que evitem o assoreamento de seu reservatório.

Para isso, era vital encontrar uma forma sustentável de lidar com esses resíduos. Em razão dessa necessidade, Itaipu, por meio do Parque Tecnológico da hidrelétrica, firmou parceria com o Centro Internacional de Energias Renováveis (CIBiogás). As análises do CIBiogás mostraram que uma propriedade com 800 suínos pode gerar luz suficiente para abastecer 23 residências. Para isso, é preciso tratar os dejetos e separar o biogás. De acordo com especialistas, é um composto gasoso resultante da degradação anaeróbia de matéria orgânica por micro-organismos. O processo gera também digestato, um fertilizante natural. De acordo com o diretor-presidente do CIBiogás, Rafael González, a agroindústria da Região Sul do País tem potencial para produzir 3 bilhões de metros cúbicos de biogás por ano, o suficiente para abastecer 2,5 milhões de casas populares.

Conta de luz. Schaefer, da cerâmica Stein, não tinha experiência no agronegócio. Foi a possibilidade de economizar energia que motivou o industrial a investir na criação de suínos. A família tem a cerâmica Stein há 40 anos e produz 40 mil tijolos por dia, com faturamento mensal de R\$ 500 mil. Em 2012, Schaefer comprou um forno contínuo, que funciona 24 horas e não pode ser desligado. O gasto com eletricidade aumentou consideravelmente. “Foi quando achamos a alternativa do biogás”, informa. Em 2013, ele investiu R\$ 300 mil na construção da granja e na compra de um biodigestor e de um gerador próprio. Começou com 3 mil suínos. O biogás gerado – 446 metros cúbicos por dia – rende 28 megawatts- hora por mês, energia integralmente utilizada na indústria. “Religiosamente”, como ele descreve, o gerador é ligado entre as 18h e 21h, horário de ponta, quando a distribuidora local pode cobrar cinco vezes mais pela energia.

Mais recentemente, o industrial automatizou processos da cerâmica e decidiu dobrar o plantel para 7 mil suínos. Agora, o biogás será também queimado diretamente em seus próprios fornos. “Foi fantástico. Reduzi meu custo de produção, ao diminuir a conta de luz, e, ao mesmo tempo, estou criando porcos, o que gera uma receita que paga meu investimento”, afirma o produtor. O retorno do investimento se deu em três anos. E Schaefer conseguiu reduzir sua conta de luz pela metade, para cerca de R\$ 30 mil mensais. O industrial doa o biofertilizante gerado para os vizinhos.

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo

Data: 23/02/2020

Seção: Economia

Autor:

Título: Cidade tem projeto coletivo de biogás

Para granjas de pequeno porte, a geração de energia pelo biogás nem sempre é viável. Mas, por meio de uma solução coletiva, a prefeitura de Entre Rios do Oeste conseguiu colocar de pé um projeto que gerou economia e resolveu um passivo ambiental. Com população de 4,6 mil habitantes e de 255 mil suínos, o município tinha alta carga poluidora. Para lidar com o problema, a cidade construiu uma rede coletora de 22 quilômetros para recolher o biogás gerado por 18 propriedades – cada uma pagou seu próprio biodigestor. Cerca de 40 mil porcos produzem 4,7 mil metros cúbicos de biogás por dia, que são transportados até uma minicentral termoeletrica. A geração de energia da usina abate a conta de luz de 62 edifícios públicos.

Em contrapartida, os produtores são remunerados com R\$ 0,28 por metro cúbico de biogás produzido. Cada um recebe entre R\$ 800 e R\$ 5 mil. Mesmo com o pagamento, a prefeitura economiza entre 5% e 15% em relação ao que gastava em energia antes do projeto, afirma o secretário municipal de Saneamento Básico, Energias Renováveis e Iluminação Pública, Carlos Eduardo Levandowski. Qualidade de vida. Um dos produtores que integram a rede é Claudinei Jardel Stein, da granja Santo Expedito. Ele cria 7,4 mil suínos e recebe, em média, R\$ 1,5 mil do município. Sua conta de luz varia entre R\$ 1,2 mil e R\$ 1,4 mil. O biodigestor mudou a qualidade de vida na propriedade. “O mau cheiro e as moscas diminuíram muito”, diz. Ademir Escher, que também faz parte do projeto, concorda. Ele vive na granja com sua família e conta que, depois do biodigestor, a filha parou de reclamar do mau cheiro que impregnava em suas roupas.

Ele recebe mensalmente entre R\$ 1 mil e R\$ 1,2 mil da prefeitura pelo biogás gerado por 1,2 mil suínos. O projeto, estruturado pela CIBiogás, custou R\$ 17,5 milhões obtidos com verba de pesquisa e desenvolvimento (P&D), em uma parceria entre Itaipu, Parque Tecnológico Itaipu e a distribuidora Copel. Segundo dados da Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel), o País tem hoje 182 empreendimentos que geram energia a partir de biogás. No ano passado, a potência instalada dos projetos somou 36 MW, ante 110 kW em 2014.

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo

Data: 23/02/2020

Seção: Economia

Autor:

Título: Potencial do biogás equivale ao dobro do gás que vem da Bolívia

O potencial de biogás do Brasil, considerando todas suas fontes, corresponde a até duas vezes o volume médio de gás natural importado da Bolívia em 2018. O dado integra o Plano Nacional de Energia Elétrica (PNE) 2029, divulgado no dia 11 deste mês. A ideia é utilizar o combustível para substituir o diesel, além de

misturar o insumo ao gás natural fóssil na malha de gasodutos. Se no Brasil essa tecnologia está começando a aumentar sua presença na matriz energética, na Europa já são 17,5 mil plantas que produzem energia por meio do biogás. A Alemanha lidera o ranking, com quase 10 mil empreendimentos. O avanço se deu em meio aos conflitos entre Rússia e Ucrânia pelo gás, a partir de 2009, que cortaram o fornecimento para o país – até então, 40% do gás que abastecia os alemães chegavam por esse caminho.

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo

Data: 23/02/2020

Seção: Colunas

Autor: FERNANDA GUIMARÃES, CIRCE BONATELLI E ANDRÉ VIEIRA

Título: » Aço mais caro.

Coluna do broadcast

Na esteira da subida do dólar em relação ao real, as siderúrgicas brasileiras já anunciaram aumento de preços do aço plano em torno de 10% para seus clientes, que vai começar a valer a partir da primeira semana de março. Usiminas deu a largada, seguida prontamente pela Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) e logo depois pela ArcelorMittal. A Gerdau ainda não fez o anúncio, mas a expectativa de analistas de mercado é que ela deve seguir as concorrentes.

» Economia fraca. As siderúrgicas estão buscando recompor suas margens, depois de reportarem no ano passado resultados refletindo uma economia brasileira bastante desaquecida, afetando também a demanda por aço.

» Inovação. O investimento em inovação ainda é tímido no setor de construção. Levantamento feito pela Deloitte com 270 empresas mostra que 54% das entrevistadas têm estratégias para inovação tecnológica nas áreas de engenharia, arquitetura, materiais e projetos, entre outros. Mas 46% passam totalmente em branco.

» Pouca grana. Mesmo entre aquelas que têm uma estratégia definida para inovação, o investimento é pequeno: 35% das entrevistadas não sabem ao certo quanto aplicam na área; 23% dedicam até 1% do orçamento em inovação; 30% aplicam entre 1% e 5%; e só 12% aportam mais de 5% do orçamento. O percentual é fraco e precisa melhorar. A Deloitte afirma que as empresas mais inovadoras do mundo, como Apple e Tesla, por exemplo, reservam pelo menos 5% do orçamento para pesquisa e desenvolvimento.

» Falta inteligência. Os principais motivos para o investimento baixo em inovação nas empresas de construção são recursos financeiros limitados, falta

de cultura corporativa e de equipe exclusiva para o assunto. No entanto, os líderes dessas companhias disseram que gostariam de investir no ramo. As áreas que mais despertam interesse dos gestores são inteligência artificial, análise de grandes dados (big data) e novos materiais de construção.

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo

Data: 23/02/2020

Seção: Internacional

Autor: Janaina Cesar

Título: Lava Jato chega à Itália e empresários viram réus por propina à Petrobrás

Suborno global. Três italianos, os irmãos Gianfelice e Paolo Rocca, além de Roberto Bonatti, sócios da San Faustin, holding que pertence ao grupo Techint, serão processados pelo Tribunal Penal de Milão por corrupção internacional ligada à estatal brasileira

A Lava Jato chegou à Itália, país da Operação Mãos Limpas, que serviu de inspiração para sua versão brasileira. Os alvos da Justiça italiana são os irmãos Gianfelice e Paolo Rocca, além de Roberto Bonatti, sócios da San Faustin, holding do grupo Techint. Eles serão processados pelo Tribunal Penal de Milão por corrupção internacional ligada à Petrobrás. A primeira audiência foi marcada para 14 de maio. No dia 13 de fevereiro, o juiz Valerio Natale aceitou a denúncia feita pelo time de procuradores Donata Costa, Fabio de Pasquale e Isidoro Palma contra os italianos e a holding, que tem sede em Luxemburgo.

Segundo os procuradores, “entre 2009 e 2014, eles pagaram subornos a Renato Duque, diretor de serviços de Petrobrás, em troca de 22 contratos de fornecimento de tubos industriais no valor de 1,4 bilhão de euros (cerca de R\$ 6,7 bilhões), em favor da Confab”, empresa brasileira fabricante de tubos que era controlada pela San Faustin, por meio da companhia Tenaris, metalúrgica que pertence ao grupo Techint. Segundo a denúncia do MP italiano, à qual o Estado teve acesso, a Confab foi favorecida porque Duque não abriu editais internacionais e tratou diretamente com a empresa.

“O acordo previa o pagamento a Duque, em contas no exterior, de somas iguais a 0,5% do valor dos contratos firmados”, diz o documento. Duque teria recebido um total de 7,8 milhões de francos suíços (R\$ 35 milhões) e US\$ 500 mil (R\$ 2,1 milhões). Os procuradores contaram com a colaboração de países como Brasil, Panamá, Suíça, Argentina, EUA e Luxemburgo e, por intermédio das várias cartas rogatórias recebidas, conseguiram reconstruir o caminho do montante que teria sido usado para pagar as propinas. Segundo a denúncia, “o dinheiro

provinha de contas correntes gerenciadas pelos suspeitos por meio da San Faustin Lugano.

Os recursos eram movimentados por empresas associadas, como a uruguaia Sociedade de Empreendimentos Siderúrgicos, e as panamenhas Gabiao Investments Inc., Fundiciones del Pacifico S.A. e Sociedade Moonstone.” Em 8 de julho de 2019, quando os procuradores italianos concluíram as investigações, entre os envolvidos também estavam o argentino Hector Alberto Zabalet, ex-diretor da Techint, e o brasileiro Benjamin Sodré Neto, representante da Confab. No entanto, para os dois, um possível processo se dará separadamente.

De acordo com uma fonte ligada ao caso, os procuradores argentinos foram pouco colaborativos e não responderam aos pedidos de cartas rogatórias. Por isso, será feita uma nova denúncia em breve. A empresa, contatada pelo Estado, disse que “a decisão do Tribunal Penal de Milão refere-se à corrupção, entre os anos de 2009 a 2013, de alguns funcionários da Petrobrás”. “Temos certeza de que a sentença perante a Corte esclarecerá a absoluta exatidão do comportamento da empresa San Faustin e a estranheza dos fatos controvertidos dos conselheiros”, comunicou a empresa. A Techint é um grupo ítalo-argentino, produtor de aço e fabricante de gasodutos e oleodutos.

Tem um faturamento anual de R\$ 90 bilhões e conta com 75 mil funcionários, 450 empresas, em 45 países. Delação. Quem colocou a empresa sob os refletores da Justiça foi João Antônio Bernardi Filho, ex-gerente da Saipem no Brasil, empresa italiana do setor de petróleo e gás. Em 2015, após ter feito uma acordo de delação premiada, Bernardi contou que Renato Duque – condenado em sete ações que somam 124 anos e sete meses de prisão e na cadeia desde 2015 – havia pedido ajuda para lavar dinheiro proveniente de corrupção e confirmou a ele que a propina vinha da Confab, filial brasileira da Techint. Os procuradores brasileiros repassaram a informação aos colegas de Milão, que decidiram abrir um levantamento próprio.

O MP italiano passaram a investigar a empresa e, em outubro de 2019, executivos da Techint foram alvo da fase 67 da Lava Jato por uma suposta participação no cartel das empreiteiras brasileiras. De acordo com o MP da Itália, a Techint pagou subornos de US\$ 14 milhões a executivos da Petrobrás. Segundo os procuradores, as duas companhias faziam parte de um cartel de empreiteiros, estabelecido para garantir pedidos de aproximadamente US\$ 800 milhões, entre 2007 e 2010.

VEÍCULO: O Globo**Data: 23/02/2020****Seção: Economia****Autor: CASSIA ALMEIDA E HENRIQUE GOMES BATISTA****Título: Região Nordeste avança no social com as contas em dia**

A virada do nordeste

Estados controlam contas públicas, investem mais e avançam no social

RIO, SÃO PAULO E SALVADOR- Região menos desenvolvida do país, o Nordeste tem se destacado no cenário nacional com uma situação rara: boa situação fiscal, avanço acelerado de indicadores sociais e atração de investimentos privados. Fruto de ações que começaram anos atrás, os estados e as capitais da região, mesmo administrados por partidos diferentes, vivem momento semelhante e atuam cada vez mais em coordenação. Estão conseguindo investir, feito invejável quando a maioria dos estados, principalmente os do Sul e do Sudeste, luta para manter as contas em dia. Os estados nordestinos estão em melhor situação fiscal e aceleram o passo para reduzir o atraso na área social, com destaque para a educação.

Apesar de avanços, a região ainda sofre com pobreza e taxas de desemprego mais altas que no resto do país. E a segurança pública é um desafio, mesmo com resultados positivos em Pernambuco e Paraíba.

Dos dez estados que mais investem hoje no país, cinco são do Nordeste, segundo dados de Claudio Hamilton Santos, coordenador de Políticas Macroeconômicas do Ipea, que vem acompanhando as finanças estaduais. Ceará e Alagoas despontam na primeira posição, destinando 8,8% e 8,5% de suas receitas ao investimento público.

Segundo Santos, dos nove estados da região, sete já reformaram seus sistemas de Previdência e dois estão com projetos em tramitação. Alagoas, Bahia, Ceará, Piauí e Sergipe, além de aumentarem as alíquotas de contribuição para 14% (obrigação imposta pela reforma da Previdência federal), também fixaram idade mínima, avançando nas reformas. No Sudeste, só Espírito Santo o fez até agora.

— Em geral, os estados do Nordeste estão indo melhor que os do centro-sul e do Sudeste em particular (nas contas públicas). Bahia, Ceará e Alagoas são mais bem geridos. Como dependem mais da dinâmica agrícola, foram menos afetados pela recessão (em comparação com estados industrializados), e a arrecadação sofreu menos. Há estados nos quais a receita já está 10% maior que em 2014 (início da crise) — diz Santos.

MAIS DINHEIRO PARA OBRAS

Fábio Klein, economista da Tendências Consultoria, afirma que Alagoas, Piauí, Paraíba, Ceará e Rio Grande do Norte têm nota fiscal (que combina endividamento, poupança, liquidez, resultado primário e despesa com pessoal) acima da média nacional. O endividamento baixo da região ajuda nos outros fatores. Nos cálculos da consultoria, a estrelado país é o Espírito Santo. Logo em seguida, vem um estado nordestino, o Ceará.

— Pela nossa métrica, a estrela do Nordeste é o Ceará.

ACM Neto, prefeito de Salvador e presidente nacional do DEM, avalia que os políticos da região entenderam que, sem responsabilidade fiscal, ninguém se reelege: — Os políticos do Nordeste, seja de qual partido, aprenderam que a responsabilidade fiscal é algo sério. Até por interesse eleitoral. Os eleitores punem os políticos irresponsáveis e populistas.

Manoel Vitório, secretário de Fazenda da Bahia, administrada pelo PT, concorda: — Houve uma conscientização, que se intensificou na crise, de que é preciso ser responsável fiscalmente.

Com uma ação para racionalizar gastos públicos, a Secretaria baiana da Fazenda conseguiu, entre 2015 e 2019, economizar R\$ 4 bilhões, o que representa 8% do orçamento do estado em 2019.

Nenhum dos nove estados do Nordeste tem classificação fiscal baixa no Tesouro Nacional. Três dos sete estados de Sul e Sudeste têm nota “D”. Só o Espírito Santo tem nota A.

Alagoas, que tem nota B, é um exemplo desse avanço. George André Santoro, secretário de Fazenda do estado, diz que as verbas de custeio estão no mesmo patamar que em 2014, menos em educação, saúde e segurança pública: — Nas demais secretarias, há quase um teto de gastos. Passamos de D para B no Tesouro. Não somos A por causa do nosso endividamento, que ainda é alto.

A situação mais confortável permitiu ampliar investimentos públicos. No ano passado, foram R\$ 600 milhões. Este ano, a previsão do governo alagoano, do MDB, é destinar R\$ 700 milhões para obras como duplicação de estradas e a construção de cinco hospitais.

— Temos a pior relação entre leitos e população do país — diz Santoro.

A Bahia também está conseguindo fazer investimentos como a Ponte Ilhéus-Pontal, que ajuda na integração do sul do estado e deve ser inaugurada em março. O estado inicia agora o que é considerada a maior obra pública do país

hoje: a ponte Salvador-Itaparica. O projeto de R\$ 6 bilhões e 12,3 quilômetros — comparável à Ponte Rio-Niterói, com 14 quilômetros — é uma parceria com empresas chinesas.

Flávio Dino (PCdoB), governador do Maranhão, diz que o desafio foi grande durante a crise, mas que seu estado nunca deixou de cumprir o Plano de Ajuste Fiscal (PAF), firmado há cinco anos com o Tesouro, nem atrasou salários: — Reduzimos o custo da gestão (foram R\$ 300 milhões a menos em 2019), agimos com probidade, combatendo a corrupção, e ampliamos a receita.

FOCO NA MOBILIDADE

Dados da Associação Nacional dos Transportadores de Passageiros sobre Trilhos mostram que, em 2019, o Nordeste tinha o mesmo número de projetos do setor que o Sudeste: três. Mas, enquanto o VLT e o metrô de Fortaleza estavam em obras e o monotrilho de Salvador dependia apenas de licenças ambientais para funcionar, duas das três expansões do metrô de São Paulo estavam paradas, aguardando solução de problemas legais e licitações, e a terceira estava em fase final de conclusão.

Outro ponto que favorece o avanço da região é a articulação entre governadores, independentemente da cor partidária. Mais que um fórum político, o Consórcio Nordeste, que reúne os nove estados, dá frutos econômicos. Em bloco, os estados oferecem ao exterior licitações em transporte, saneamento e serviços públicos, que podem gerar R\$ 33 bilhões em contratos.

Em 2019, empresas investiram R\$ 15 bilhões em Pernambuco, de montadoras ao centro de distribuição da Amazon. Para o governador do estado, Paulo Câmara (PSB), gestão responsável atrai investimento privado: — As empresas investem mais em estados fiscalmente responsáveis.

Cláudio Frishtak, sócio da Inter.B Consultoria, avalia que a pobreza histórica levou a região a ter compromisso fiscal mais forte. O economista destaca ainda o fim de oligarquias que dominavam os estados: — O Nordeste vive a antítese da “doença holandesa” (quando há dependência de uma única atividade econômica). É o inverso do Rio. O Nordeste agora vive um boom de energia, com eólica e solar.

ENERGIA LIMPA

Enquanto o Sudeste explora o petróleo do pré-sal, o Nordeste aposta na energia limpa. A geração eólica já responde por 49,5% da demanda da região e gera renda.

— Se no Sudeste falavam do pré-sal, no Nordeste podemos dizer que vivemos o “pré-vento”. Pequenos produtores rurais viviam, às vezes, com R\$ 150 reais de Bolsa Família. Agora, recebem R\$ 1.500 por mês por cada aerogerador em sua propriedade, e continuam com espaço para sua plantação — diz Elbia Gannoum, presidente da Associação Brasileira de Energia Eólica.

Segundo o Operador Nacional do Sistema(ONS), em 6 de setembro de 2019, o setor bateu recorde de geração, suprimindo 88,8% da demanda da região, que concentra 80% dos parques eólicos do país. Rio Grande do Norte, Bahia e Ceará lideram, com 66% da potência instalada. Na energia solar, 70% da capacidade estão no Nordeste.

— O Nordeste é a grande estrela da energia solar do Brasil. Se colocarmos um mesmo equipamento no Japão ou no Nordeste, a geração do Nordeste será o dobro da japonesa — compara Rodrigo Sauaia, presidente executivo da Associação Brasileira de Energia Solar Fotovoltaica (Absolar).

VEÍCULO: O Globo

Data: 23/02/2020

Seção: Colunas

Autor: Lauro Jardim

Título: Em busca de indenização

BRASIL

O município de Brumadinho e mais 1.123 pessoas estão processando a TÜV SÜD, a consultoria alemã que atestou e certificou para a Vale a segurança da barragem que rompeu em 25 de janeiro de 2019. A ação corre em Munique, na Alemanha. Brumadinho pleiteia uma indenização de cerca de € 70 milhões. As pessoas físicas (entre indivíduos afetados e familiares de vítimas da tragédia) pedem para ser compensados em € 40 mil por pessoa. Um processo desse tipo, no entanto, é coisa demorada. Estima-se um prazo de até 36 meses para o julgamento final do caso.

À venda

A Petrobras anunciou na semana passada um lucro recorde de R\$ 40 bilhões em 2019. Um resultado bastante vitaminado pelas vendas do controle da BR e da TAG.

Para 2020, estão nos planos mais desinvestimentos: os 37% que ainda detém na BR, alguns poços pequenos, uma refinaria pelo menos e, se os ventos ajudarem, a sua parte na Braskem.

VEÍCULO: Correio Braziliense**Data:** 23/02/2020**Seção:** Economia**Autor:** Simone Kafruni**Título:** Alternativas ao diesel e à gasolina avançam

Diante da escalada do preço dos combustíveis, é urgente buscar alternativas à gasolina e ao diesel. As perspectivas são promissoras, com veículos elétricos, abertura do mercado de gás natural, o programa Renovabio, que incentiva o uso de biocombustíveis, e o desenvolvimento do biogás. Contudo, ainda falta infraestrutura para garantir a oferta na ponta, ou seja, levar esses combustíveis ao tanque dos carros dos brasileiros.

A secretária de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis do Ministério de Minas e Energia (MME), Renata Isfer, explica que o governo quer ampliar a diversidade na matriz, para que o próprio mercado defina qual tecnologia será mais viável. “Temos opções de carro elétrico, etanol, veículos a gás. Quanto mais, melhor. Os combustíveis competem entre si. Isso é bom para o consumidor”, diz.

Como os carros elétricos ainda são caros, a participação deles na frota é inexpressiva. Dos mais de 40 milhões de veículos que circulam no país, apenas 20 mil são híbridos/elétricos, segundo a Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea). A questão da bateria, que dura apenas cinco anos, e não é de descarte simples, por ser altamente poluente, também trava o desenvolvimento do setor.

A Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) vem ajudando a estimular o mercado, regulamentando a instalação e o uso de eletropostos para veículos elétricos. Em todo o país, há 63 estações de recarga (veja quadro). “Uma chamada de P&D deve movimentar R\$ 463,8 milhões em 30 projetos de instalação de centenas de eletropostos. Além disso, os veículos elétricos plug-in podem ser recarregados nas residências”, informa a Aneel.

Energia do lixo

O biogás é o combustível do futuro, mas num horizonte ainda distante. Produzido de resíduos e rejeitos, é altamente sustentável. “Daqui a 10 anos, estaremos em outra realidade, com combustível feito do lixo”, diz Renata. De acordo com a Associação Brasileira de Biogás (ABiogás), o potencial de produção no Brasil chega a 50,4 bilhões de metros cúbicos (m³) por ano, volume suficiente para suprir 70% da demanda de diesel no país.

Enquanto o biogás não se desenvolve plenamente, uma alternativa mais viável é aumentar a participação do gás natural veicular (GNV) e do gás natural liquefeito (GNL), com o Novo Mercado do Gás. Segundo números da Empresa de Pesquisa Energética (EPE), até 2030, o Brasil deve quase triplicar a produção líquida de gás natural, saindo dos atuais 59 milhões para 147 milhões de m³/dia.

Hoje, no entanto, o mercado de gás do Brasil é incipiente diante do potencial que tem, sobretudo com o pré-sal. “Isso porque a Petrobras é o principal agente do início ao fim da cadeia: produtora de gás, única proprietária de infraestrutura e maior consumidora, porque detém termelétricas. Por mais que se tenha aberto o mercado em 1997, os incentivos não foram suficientes para outros concorrentes entrarem”, explica a secretária do MME. “É aí que entra o Novo Mercado. Uma das frentes é acabar com o monopólio da Petrobras”, diz.

Segundo Renata, o Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade) e a petroleira celebraram um Termo de Compromisso de Cessação (TCC) e a estatal vai vender sua participação nas transportadoras, sendo que a Transportadora Associada de Gás (TAG) já foi vendida, assim como a TGB, ex-subsidiária de operação do gasoduto. “Um projeto de lei vai permitir o compartilhamento das estruturas da Petrobras. Houve correção da tributação e incentivo aos estados para aprimorarem os regulamentos às distribuidoras de gás, que são estaduais”, enumera.

Integrar o setor de gás com o elétrico e o industrial para aumentar a demanda também poderá desenvolver o mercado. Com essas medidas, o governo espera ampliar a participação do gás também como combustível de carros. A oferta, hoje, depende da região, porque, para transportar gás, é preciso duto, ou convertê-lo em GNL para colocar no tanque do caminhão. “No Rio de Janeiro, todos os táxis e carros de motoristas de aplicativos têm GNV. Em Brasília, há pouco, porque o custo de trazer o gás para o centro do país é mais alto, e o preço deixa de ser competitivo”, justifica.

Atualmente, 1.570 postos comercializam GNV no país. Existem 14 unidades de processamento de gás natural, que podem converter gás em líquido, e há três terminais de GNL — na Baía de Guanabara (RJ), em Conde (BA) e em Pecém (CE) —, um em fase de testes em Coqueiros (SE), outro em construção no Porto do Açu (RJ) e um projeto para Barcarena (PA). “Mas existem iniciativas muito interessantes em andamento. A Golar, empresa de transporte de GNL, fez um memorando de entendimento com a BR Distribuidora, que vai fornecer a infraestrutura de abastecimento nos seus postos”, revela.

De olho no crescimento do mercado do gás, a Scania Latin America anuncia o início da produção local e inédita de caminhões movidos a GNV e GNL. De acordo com Gustavo Bonini, diretor de Relações Institucionais e

Governamentais da empresa, a decisão de apostar em combustíveis alternativos foi tomada considerando o gás do pré-sal e o biogás do agronegócio. “O governo está falando muito no gás, um choque de energia como alternativa ao diesel. A Scania está apostando nisso”, conta.

“Daqui a 10 anos, estaremos em outra realidade, com combustível feito do lixo”

Renata Isfer, secretária de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis do Ministério de Minas e Energia

“O governo está falando muito no gás, um choque de energia para trazer o gás barato como alternativa ao diesel. A Scania está apostando nisso”

Gustavo Bonini, diretor de Relações Institucionais da Scania Latin America

Produto sustentável

Mais sustentável do que os carros elétricos, movidos à eletricidade — que pode ser gerada de fontes não renováveis, e cujas baterias são poluentes —, os biocombustíveis ajudam a capturar CO² no processo de crescimento das plantas que dão origem ao produto. Hoje, 31% de todo o combustível consumido no Brasil é biocombustível. Com o Renovabio, que entrou em vigor em dezembro do ano passado, a expectativa é chegar a 39% em 2029. Isso inclui as misturas de 27% de etanol na gasolina e de 12% de biodiesel no diesel. Em 2023, serão 15%, o chamado B15. “O aumento é gradativo, de um ponto percentual ao ano, para os produtores se adequarem à demanda”, assinala a secretária do MME, Renata Isfer.

O biodiesel pode ser produzido a partir de soja, mamona, gorduras vegetais e até sebo de gado. Com o Renovabio, as empresas que emitem CO² terão que comprar certificados, chamados Cbios, para compensar. Com isso, a expectativa é aumentar o consumo de biocombustíveis. “O etanol já é competitivo. Quando tiver mais competição e incentivo para gerar mais etanol, a tendência é baixar o preço. Como parte da gasolina é etanol, o litro do derivado também pode baratear na ponta para o consumidor”, estima.

O diretor-superintendente da Associação dos Produtores de Biocombustíveis (Aprobio), Júlio Minelli, explica que, mesmo que a previsão seja chegar ao B15 em 2023, a legislação já permite que as distribuidoras adquiram e misturem mais biodiesel. “O setor espera chegar ao B20, ganhando um ponto percentual até 2028. Sabemos que os motores não dão problema. Em alguns países, há utilização de 100% de biocombustíveis.”

O dirigente diz que, em Curitiba, há ônibus que rodam com 100% de biodiesel. “Em relação ao B7 (diesel com 7% de biocombustível), o consumo foi de 6,5% a

mais, pequena diferença”, destaca. “As montadoras estão aprimorando a tecnologia. A partir de 2023, usarão novos equipamentos para restringir a poluição e rodar com maior quantidade biodiesel”, revela.

MME / ASCOM .